

O TEMA DO DIÁLOGO EM JAMES HARRIS

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i25p132-139>

Luís F. S. Nascimento¹

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) /
Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

Ainda pouco conhecido entre nós, o pensador britânico James Harris foi considerado como o maior discípulo de seu tio: o filósofo Shaftesbury, autor das *Characterísticas*. O presente texto busca examinar o tema do gênero diálogo no interior da obra de James Harris.

PALAVRAS-CHAVE:

James Harris.
Shaftesbury.
Diálogo.
Filosofia.
Arte.
Gênero.

ABSTRACT

Although little known among us, British thinker James Harris was considered to be a disciple of his uncle: Shaftesbury, the philosopher and writer of Characteristics. The present text aims at examining the dialogue as a literary genre within the works of James Harris.

KEYWORDS:

*James Harris.
Shaftesbury.
Dialogue.
Philosophy.
Art.
Literary Genre.*

¹ Professor do DFil - UFSCar e pesquisador colaborador da USP.

“Q

uem é esse Harris?”² – essa frase do político inglês Charles Townshend³ foi a escolhida como epígrafe para a introdução de um livro chamado *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, escrito por Clive T. Probyn e publicado em 1991. Nessa mesma introdução, um pouco abaixo da referida epígrafe, Probyn chama a nossa atenção para o fato de ele ser o primeiro a fazer desse filósofo o objeto de um estudo mais acabado e extenso. “Na melhor das hipóteses”, diz-nos Probyn, “a vida de James Harris permanecia incompleta, má interpretada na pior delas, mas, na maior parte das vezes, ignorada”⁴ O desconhecimento em torno da figura desse autor é então a primeira questão que surge quando nos dispomos a estudá-lo: afinal, quem é esse Harris?

James Harris nasceu em Salisbury (Inglaterra) no ano de 1709 e lá viveu até a sua morte, em 1780. Era filho de um importante magistrado da região e de Lady Elisabeth Ashley, irmã de Maurice Ashley e Anthony Ashley Cooper, terceiro conde de Shaftesbury e autor das *Características*. Tal filiação foi de extrema importância para a formação do pensamento de Harris. Como nos explica Probyn, pai e mãe exerceram no filho dois tipos de influência que se complementavam e que sempre esteve presente nas obras de nosso autor:

O segundo James Harris⁵ estimulava o interesse de seu filho pela música e pela poesia, mas era Elisabeth Harris quem transmitia a ele o interesse que a família dela tinha pela filosofia.⁶

² PROBYN, C.T. *The sociable humanist – the life and works of James Harris (1709 – 1780)*. Oxford: Clarendon Press, 1991, p. 1. No original: “Who is this Harris?”

³ Charles Townshend (1725-1767), político inglês que, como Harris, foi membro da Câmara dos Comuns. No capítulo de seu livro dedicado às atividades políticas de Harris, Probyn explica o contexto no qual a frase foi emitida. Em 1762, quando já era um magistrado conhecido em Salisbury e autor de dois livros filosóficos, James Harris assume uma cadeira na Câmara dos Comuns e é nesse momento que surge a anedota que envolve Charles Townshend, como lembra uma passagem do diário de uma senhora amiga de Harris, Mrs Thrale: “Por fim, estive em companhia do velho James Harris de Salisbury cujo nome e caráter eram muito familiar em minha juventude. Há uma famosa piada de Charles Townshend sobre ele que precisa ser mencionada. Quando ele foi introduzido na Câmara dos Comuns, o brincalhão Charles perguntou ‘quem é esse Harris’. Ora, James Harris, alguém respondeu, o grande lógico que escreveu um livro sobre a gramática e outro sobre a virtude. O que então o traz aqui, inquiriu Townshend, ele não encontrará nessa câmara nem gramática nem virtude” (Ver: *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 184. No original: “I have at last been in Company of old James Harris of Salisbury with whose Name and Character I was very familiar in my younger days. There is a famous joke of Charles Townshend’s concerning him which must be mentioned – when he was introduced into the house of Commons – who is this Harris says the witty Charles – why James Harris replies somebody – the great Logician who has written one book about Grammar and one about Virtue: and what bring him here then enquires Townshend – he will find neither Grammar nor Virtue in this house”).

⁴ *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 1. No original: “(...) the life of James Harris has remained sketchy at best, misinterpreted at worst, and generally ignored”.

⁵ Nosso autor é o terceiro membro de sua família a receber o nome de James Harris, daí a razão de Probyn chamá-lo de *terceiro* e dar ao seu pai a alcunha de *segundo*. O *primeiro* era seu bisavô.

⁶ *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 37. No original: “The second James Harris stimulated his son’s interest in music and poetry, but it was Elisabeth Harris who transmitted to him her family’s interest in philosophy”.

Há aqui algo de peculiar e curioso: a filosofia então tida como uma ocupação própria ao sexo masculino, é legada a Harris por sua mãe. Como Probyn não deixa de notar, Lady Elisabeth foi uma mulher bastante avançada para o seu tempo. Ao contrário da grande maioria de suas contemporâneas, a mãe de Harris era capaz de ler em inglês e em francês e, ao que parece, tinha algum conhecimento de grego, pois seu irmão Maurice Ashley teria feito dela uma consultora para a sua versão inglesa da *Cyropaedia* (*A educação de Ciro*, de Xenofonte), recorrendo constantemente às suas opiniões e conselhos. Em 1728, ano em que a tradução foi publicada, o nome de Elisabeth aparecia na dedicatória. Esse volume trazia um prefácio do tradutor na qual eram apresentados argumentos contrários à filosofia de Thomas Hobbes e ao epicurismo. Essa também era a posição defendida por Shaftesbury nas *Características*, sobretudo nos seus quarto e quinto tratados: *Investigação sobre a virtude e Os Moralistas*. A ideia de uma sociabilidade natural própria ao gênero humano era ali apresentada por oposição à tese segundo a qual o homem, em seu estado de natureza, age tendo unicamente em vista a satisfação de seus interesses próprios (*self-interest*) e que, portanto, deve ser entendido como um ser egoísta. Ao escrever o prefácio à sua versão da obra de Xenofonte, Maurice Ashley está retomando uma das principais críticas que seu irmão (Shaftesbury) dirige à filosofia de Hobbes, isto é: o autor do *Leviatã* aproxima-se do epicurismo quando concebe a natureza humana a partir dos interesses privados. Tanto o autor das *Características* quanto o tradutor de Xenofonte são promotores de uma concepção de homem que vai de encontro com aquela de Hobbes. Segundo eles, não há saída do estado de natureza ou entrada no estado social, pois nossa natureza já é (desde sempre) social. Nosso interesse privado está intimamente vinculado ao interesse público ou à sociedade a qual estamos naturalmente ligados. Por natureza, escreve Maurice Ashley em consonância com o seu irmão, o homem é “uma criatura dócil, gentil, sociável e compassível”⁷.

Quando a versão inglesa da *Cyropaedia* vem a lume, Harris tem dezenove anos e estuda direito em Oxford. Mesmo antes da publicação desse livro, é bem provável que, por intermédio de sua mãe, ele já conhecesse muito bem as ideias defendidas por Maurice Ashley em seu prefácio, cuja fonte era Shaftesbury. Não obstante o fato de não ter convivido com o mais célebre dos seus tios, por toda a obra de Harris é possível reconhecer elementos que atestam a influência do autor das *Características* (morto em 1713, quando o sobrinho ainda era muito jovem). A presença de Shaftesbury não se mostra apenas na semelhança dos temas tratados e na afinidade de posição frente a outros pensadores (tais como Hobbes), mas também se revela na maneira de escrever, no

⁷ Prefácio à *Cyropaedia: or, the Institution of Cyrus, by Xenophon*, p. 9 (apud *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 39). No original: “a mild, gentle, sociable, and compassionate Creature”.

vocabulário empregado e na preocupação em encontrar o gênero literário mais adequado para um determinado assunto ou questão que se deseja investigar. Como mostra Probyn, “seu (de Harris) modelo de escritor (...) era o terceiro conde de Shaftesbury”⁸. O primeiro livro publicado por Harris é um conjunto de textos reunidos sob o nome de *Três Tratados* (obra composta de: *Diálogo sobre a arte*, *Um discurso sobre a música, pintura e poesia*, e *Um diálogo sobre a felicidade*, de 1744). Em seguida, surge *Hermes ou uma investigação filosófica sobre a gramática universal* (1751). Depois, os *Arranjos filosóficos*⁹ (1775). E, por fim, as *Investigações filológicas*, publicadas postumamente em 1781. Em 1801, seu filho (cujo nome também era James Harris e que ficou conhecido pelo seu título nobiliárquico, primeiro conde de Malesbury) reuniu e publicou as obras do pai acompanhadas de uma introdução e pequena biografia do autor. Nós iremos nos deter em *Um diálogo sobre a arte*, que tem como tema as artes em geral e não somente aquelas que Harris chama de artes elegante.

A forma do diálogo

Como o seu nome indica, o *Um diálogo sobre a arte* é escrito em um gênero literário bastante difundido na Antiguidade. Ao empregá-lo, diz-nos Probyn, Harris estaria indo ao encontro daquelas que seriam suas grandes pretensões: trazer à Modernidade temas e autores consagrados pela tradição clássica e dar continuidade às ideias de Shaftesbury:

O problema inicial de Harris era de apresentação: como transmitir ideias complexas e para muitos fora de moda em uma forma responsável e atraente¹⁰

A escolha por esse gênero de escrita não é então meramente formal, ela diz respeito ao conteúdo que ali se deseja apresentar: a adoção do diálogo já é por si só uma maneira de trazer questões da filosofia antiga para a Modernidade. Ao mesmo tempo, a intenção de Harris é a de fazer um diálogo “à maneira de Shaftesbury”¹¹, “recentemente o maior expoente dessa forma”¹², acrescenta Probyn. De fato, o “mestre” de Harris é o autor de um diálogo que guarda muitas semelhanças com o do filósofo de Salisbury: publicado em 1709, *Os Moralistas* narra uma conversa que envolve três personagens (Palemon, Filócles e Teócles) e cujo tema principal é a relação entre moral e natureza ou (posto em outros termos) a questão da sociabilidade natural do homem. Em 1711, esse mesmo

⁸ *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 4. No original: “His role model as a writer (...) was the third Earl of Shaftesbury”.

⁹ O título em inglês é *Philosophical Arrangements*. *Arrangement* significa literalmente “arranjo”, mas também pode ser vertido por “disposição, combinação, distribuição, classificação, ajuste, acordo, organização, pôr em ordem” (ver: *verbete arrangement* do *Dicionário Inglês-Português* de A. Houaiss e *Dicionário Oxford da Língua Inglesa*).

¹⁰ *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 81. No original: “Harris’s initial problem was one of presentation; how to convey complex and to some extent unfashionable ideas in a amenable and attractive form”.

¹¹ *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 67. No original: “in a manner of Shaftesbury”.

¹² *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 81. No original: “(...) the greatest recent exponent of that form”.

diálogo foi incorporado às *Características* como o seu quinto e penúltimo tratado. Há ainda uma versão preliminar desse texto chamada *O entusiasta sociável*, de 1705. Harris recebeu de seu primo (filho do autor das *Características* e então quarto Conde de Shaftesbury) o manuscrito dessa primeira versão de *Os Moralistas*¹³, evento que corrobora o interesse que nosso autor tinha pelo modo como seu tio compôs o seu diálogo: como alguém que estuda a fundo a feitura de um texto, Harris não se contenta com a leitura da obra acabada e estende a sua curiosidade ao processo a partir do qual ela atinge sua forma final. Um elemento fundamental de *Os Moralistas* que certamente não foi ignorado por Harris é fato de Shaftesbury não só ter consciência de que escreve um diálogo na Modernidade, como também faz do seu próprio diálogo um texto no qual a possibilidade de tal façanha é posta em questão: “Por que nós modernos, tão prolíferos em *tratados* e *ensaios*, somos tão econômicos no modo do **diálogo**, que outrora foi considerado como o melhor e o mais polido modo de conduzir os assuntos mais sérios?”¹⁴, pergunta Shaftesbury em *Os Moralistas*. Ao decidir-se por fazer com que o seu pensamento fosse exposto em um gênero literário antigo, Harris sabe muito bem que não é um grego, tampouco um romano, e sim um homem moderno. Para Shaftesbury, e agora para Harris, é o próprio aprimoramento da filosofia moderna que exige a consideração e a reformulação do modelo filosófico consagrado na Grécia e em Roma. Desse ponto de vista, não se trata de uma volta ou de uma revitalização da filosofia antiga, mas de um movimento necessário ao próprio desenvolvimento da filosofia moderna, como já parece indicar o início do primeiro texto que compõe os *Três Tratados*.

No início de *Um diálogo sobre a arte* encontramos uma dedicatória: “Ao honorável e reto Conde de Shaftesbury”¹⁵. É para o seu primo, filho do autor das *Características*, que Harris oferece essa sua obra. Na primeira linha do texto, o autor dirige-se diretamente ao conde (posto agora na condição de seu destinatário) e diz que as linhas que ele está prestes a ler são o relato de “conversa um tanto incomum em seu gênero”¹⁶: os homens da época não costumam discutir no tom e, sobretudo, a respeito dos temas que animaram o diálogo que Harris irá narrar. A situação na qual a referida conversa surge é descrita por nosso autor da seguinte maneira:

¹³ A esse respeito, ver PROBYN, C.T. *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, pp.5-6. Como o próprio Probyn explica nessa mesma passagem, o título de seu livro sobre Harris faz referência àquele que encontramos na primeira versão de *Os Moralistas: O entusiasta sociável* (SHAFTESBURY (Anthony Ashley Cooper). “The Moralists”. In: *Characteristicks of men, manners, times*. Editado, em dois volumes, por Philip Ayres (volumes que têm por base a segunda edição de as *Characteristicks*, publicada em 1714). Oxford: Clarendon Press, 1999, Vol. II).

¹⁴ *Os Moralistas*, p. 6. No original: “Why we Moderns, who abound so much in *Treatises* and *Essays*, are so sparing in the way of **Dialogue**; which heretofore was found the politest and best way of managing even the graver Subject”.

¹⁵ HARRIS, J. “A dialogue concerning art”. In: *The works of James Harris*. Bristol: Thoemmes Press, 2003, Vol. 1, p. 7. No original: “To the right honorable Earl of Shaftesbury”.

¹⁶ *The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 7. No original: “a Conversation in its kind somewhat uncommon”.

Tendo um amigo de uma região distante me feito uma visita casual, fomos incitados pela alegre serenidade de uma manhã de primavera a andar de *Salisbury* a *Wilton*, para ver o Lorde de *Pembroke*. As belezas da jardinagem, da arquitetura, da pintura, da escultura pertencentes a esse local eram tema de grande entretenimento para o meu amigo. De minha parte, eu não me deleitava menos do que ele ao constatar que nossa caminhada havia correspondido tão bem às suas expectativas¹⁷

Tal como ocorre em muitos dos diálogos antigos, como os de Platão, a cena inicial é um encontro comum e casual entre dois amigos que são levados, sem nenhuma intenção ou plano prévio, a um certo tema. No caso, é a beleza dos objetos presentes no caminho que vai de *Salisbury* a *Wilton* que confere à conversa dos amigos um fio condutor. “Sem que nos dêssemos conta”, escreve Harris, “isso nos levou a discutir sobre a arte, pois concordávamos que seja lá o que havíamos admirado como sendo formoso e belo, não poderia estar relacionado a outra causa”¹⁸. Nesse momento, a conversa ganha uma direção e, como não poderia deixar de ocorrer, um dos interlocutores não tardará em enunciar a questão fundamental do diálogo: o que é a arte? Esse interlocutor é Harris ou, antes, o autor do diálogo, aquele que ao longo do texto é identificado pelo termo *I (Eu)* por oposição ao *He* ou *Him (Ele)* usado para designar o seu amigo e com quem o primeiro conversa. Embora autor não nomeie os interlocutores desse diálogo é possível dizer que o narrador ou o *I (o Eu)*: aquele que fala na primeira pessoa) é o próprio Harris, uma vez que o nome de sua cidade (*Salisbury*) é mencionada como sendo o local da residência desse primeiro personagem. Mas para tanto, como não deixa de salientar Probyn, é preciso lembrar que, a exemplo do que Shaftesbury fez em *Os Moralistas*, os personagens de um diálogo não são “nem totalmente fictícios... nem totalmente verdadeiros”¹⁹. Uma das peculiaridades dessa obra de Harris é essa mistura entre realidade e ficção, vida e obra. No limite, seria tão equivocado dizer que o *eu* de *Um diálogo sobre a arte* é Harris quanto afirmar o contrário, algo que também podemos perceber em relação ao personagem Teócles de *Os Moralistas*. Por trás dessa relação paradoxal esconde-se um tema caro aos dois filósofos ingleses: a tentativa de levar o mundo da erudição ao universo da vida comum, o que (em última instância) acabaria por dissolver os limites entre o homem (indivíduo particular e atuante no mundo) e autor (escritor ou estudioso cuja ação estaria restrita ao âmbito das letras ou da reflexão filosófica). Se essa aproximação parece estranha ou mesmo artificial aos olhos dos

¹⁷ *Um diálogo sobre a arte*, p. 7. No original: “A Friend from a distant Country having by chance made me a Visit, we were tempted by the Serenity of a cheerful Morning in the Spring, to walk from *Salisbury* to see Lord *Pembroke*'s at *Wilton*. The Beauties of Gardening, Architecture, Painting, and Sculpture belonging to that Seat, were the Subject of great Entertainment to my Friend: Nor was I, for my own part, less delighted than he was, to find that our Walk had so well answered his Expectations ”.

¹⁸ *Um diálogo sobre a arte*, p. 8. No original: “This led us insensibly to discoursing upon Art, for both agreed, that whatever we had been admiring of Fair and Beautiful, could all referred to no other Cause”.

¹⁹ *Miscelâneas*, pp. 333-334, *apud The sociable humanist – the life and works of James Harris*, p. 82. No original: “neither wholly feigned... nor wholly true”.

eruditos modernos, isso deve ser tomado como uma questão para a filosofia na Modernidade. Quando chama a atenção do seu destinatário (o filho do autor das *Características*) para o aspecto incomum (*uncommon*) da conversa que vai relatar em *Um diálogo sobre a arte*, Harris já aponta para essas dificuldades: afinal, pode com justiça perguntar o leitor, quem são esses homens que se dispõem a fazer de um encontro casual uma investigação acerca da arte, eles realmente existem ou existiram, o diálogo aconteceu de fato? Se esse tipo de questão não parece estar presente nos diálogos antigos (ao menos de forma explícita), em Shaftesbury e em Harris eles são como que a condição sem a qual não haveria qualquer possibilidade de um diálogo moderno: de início, é preciso admitir que se trata de um gênero que soará estranho para o leitor moderno, que é *uncommon*. Outro aspecto que não podemos ignorar e para o qual Laurent Jaffro²⁰ chama a atenção é o fato de *Os Moralistas* ser um diálogo narrado, ou seja: não é exatamente um diálogo, tal como são os de Platão e Xenofonte, mas a narrativa de uma conversa – há um narrador que fala em primeira pessoa e que se dirige a um destinatário. No caso de *Os Moralistas*, esse narrador é o personagem Filócles que conta ao seu amigo Palemon uma conversa que havia tido há alguns dias antes com outro amigo: Teócles. É nesse sentido que o diálogo moderno de Shaftesbury assemelha-se ao gênero epistolar: como vimos, existe a figura de um destinatário para o qual o texto é endereçado. O mesmo ocorre em Harris, onde o *Eu (I)* narra para o quarto lorde de Shaftesbury uma conversa que teve com o personagem *Ele (He)*. Por alguma razão estranha, os diálogos modernos já não podem ser mais diretos e necessitam da intermediação de um narrador que explica e contextualiza a conversa que introduz. Mas tal estranheza, para além de revelar uma diferença em relação ao modo como se compunha diálogos na Antiguidade, também mostra algo típico dos tempos modernos: diferentemente do que vemos nas obras de um Platão, a filosofia e a erudição (*learning*) afastaram-se do mundo da conversação e agora esse reencontro apenas poderá ser feito às custas de uma certa estranheza ou artificialidade. Se agora nos soa estranho levar a filosofia e temas eruditos à forma de uma conversa casual entre amigos, se para tanto temos de recorrer à figura intermediária de um narrador que procura remediar o efeito de estranheza que seu texto terá em seu leitor, isso tem de ser assumido como sendo uma das características de nossa época. Nos tempos modernos, afirma Shaftesbury em *Os Moralistas*, a filosofia está presa em conventos ou em escolas e aquele que ainda tem algum contato com ela o faz “*secretamente e durante a noite*”²¹, ou seja: fora do mundo, longe de um ambiente público. Diante de tal situação, não é de surpreender que a figura do filósofo esteja tão afastada da do homem que ele é perante a sociedade, e que toda tentativa de vinculá-los ganhe

²⁰ A esse respeito, ver: JAFFRO, L. *Éthique de la communication et art d'écrire – Shaftesbury et les Lumières anglaises*. Paris, P.U.F, 1998, pp. 237-245.

²¹ *Os Moralistas*, p. 5. No original: “secretly, and by Night”.

ares de ficção e estranhamento. Daí a necessidade e a dificuldade de se buscar um novo gênero que já não é exatamente o diálogo antigo, mas que procura, como este, vincular a vida social à filosofia. Dessa dificuldade Harris, a exemplo de Shaftesbury, está bastante consciente, fazendo dela tema de seu *Diálogo*, tal como fizera seu tio nas suas *Características*. No final da conversa, quando o *Eu* elogia a loquacidade com que seu amigo fala, como que de improviso, sobre um assunto tão complexo como a arte, o personagem *Ele* confessa que, na verdade, já vinha pensando no assunto há algum tempo, tema sobre o qual está redigindo um ensaio que, por acaso, está no seu bolso. O *Eu* pede então que o amigo leia o ensaio e logo percebe a diferença entre o tom da conversa que os entretinha até então e o tom do ensaio que lhe parece floreado e exaltado, levando *Ele* ao êxtase a tal ponto que o personagem *Eu* sugere ao amigo que pare sua leitura quando se aproximam da cidade:

Meu bom amigo chegara agora a um nível muito exaltado e estava prosseguindo com o seu panegírico com grande calor e fluência quando entramos nos subúrbios, onde nosso caminho aproximou-se do final. As pessoas pelas quais passávamos começaram a nos olhar com surpresa, de tal modo que eu, que estava menos envolvido e estando desocupado para observar, pensei ser apropriado advertir meu amigo de que devia parar. Ele imediatamente interrompeu a leitura, guardou seus papéis e me agradeceu por pará-lo em um momento tão oportuno.²²

A passagem mostra a distância que a filosofia toma em relação à vida comum: a estranheza com que os habitantes das cercanias da cidade reagem diante da linguagem do texto escrito atesta essa distância, constatação que marca o gênero do diálogo na Modernidade.

²² *Um diálogo sobre a arte*, p. 29. No original: “My good friend was now arrived to a very exalted pitch, and was pursuing his panegyric with great warmth and fluency; when we entered the suburbs, our walk being near finished. The people, as we went along, began to look at us with surprise; which I, who was less engaged, having a leisure to observe, thought it was proper to admonish my friend, that he should give over. He immediately ceased reading; put his papers up; and thanked me for stopping him at so seasonable a time”.